

*ERNESTO CARDENAL:
a poesia como tradução
de uma nova modernidade*

Rita Diogo

<i>RESUMO</i>	<i>Breve estudo da poesia de Ernesto Cardenal e algumas relações com o conceito de modernidade, a partir da teoria da tradução de Walter Benjamin.</i>		
<i>palavras-chaves</i>	<i>poesia</i>	<i>modernidade</i>	<i>tradução</i>

Com este título, queremos primeiramente remeter o nosso leitor aos escritos de Walter Benjamin e sua teoria sobre a tradução. Nela o autor nos fala de uma língua primitiva, que longe de ser um sistema arbitrário de signos, tinha a capacidade de chamar as coisas por seu verdadeiro nome, uma língua totalmente concreta. Depois do pecado original, ela foi substituída por uma multiplicidade de falas e a dimensão nomeadora deu lugar à dimensão comunicativa, na qual se conservam os ecos da língua primitiva. A partir de então, a tradução passa a adquirir plena importância em sua teoria, pois, segundo Benjamin, traduzir não é transpor significações de uma língua para outra, mas tornar manifestos os vestígios da língua pura, que só na translação lingüística pode ser percebida. Vejamos como ele o expressa nas seguintes palavras: “Reencontrar a linguagem pura, estruturada no movimento lingüístico, tal é o violento e singular poder da tradução”¹.

Ora, na etapa avançada da sociedade industrial em que vivemos, a ideologia enraizou-se na realidade de tal forma, que passou a desempenhar todas as suas funções misticadoras. Especificamente em relação à linguagem, observamos que as palavras implicam um número finito de atributos, que não devem transgredir o uso comum, ou seja, o da ideologia vigente. Assim, deixam de exprimir conceitos, que em sua transitividade poderiam ultrapassar perigosamente o *bic et nunc* do universo existente, numa funcionalidade que exclui a sua dimensão virtual, bem como todos os elementos que comportam uma perspectiva de transcendência². Diante deste fato, a preocupação de Ernesto Cardenal no que diz respeito à linguagem torna-se completamente justificável. Numa entrevista, ele faz a seguinte declaração:

*Claro que quando os guerrilheiros contras são
relacionados à democracia, quando se referem às*

reformas sociais de Nicarágua pelo nome de totalitarismo temos a confusão completa da linguagem e isso significa uma confusão da vida inteira. Quando todo o regime social está composto dessa maneira, toda a sociedade está confusa³.

Transformando tal consciência em uma prática, Cardenal realiza em sua poesia um verdadeiro trabalho de tradução, evidenciando as diferenças profundas entre o original e a linguagem instituída por uma suposta razão, que se diz Iluminista, mas que na verdade está impregnada por todos os vícios e artificialismos, que a sua idéia de história como um progresso contínuo e ininterrupto estabelece e que significou a opressão de todas as línguas em nome da racionalidade. O que observamos hoje é um novo babelismo, não mais entre as diversas falas, mas no cerne de um mesmo original, expresso na total confusão entre os conceitos, agora sujeitos à ideologia, que serve ao poder dominante, como o explicitou anteriormente o próprio poeta.

Tal como em Benjamin, este traduzir se manifesta em sua poesia como uma tentativa de redenção, pois luta por resgatar a pluralidade da língua reprimida pela linguagem unidimensionalizada da razão instrumental⁴ ao mesmo tempo que vislumbra nesta multiplicidade, que todas carregam implícita, todos os fragmentos de uma língua superior. Uma fragmentação que se concretiza na própria forma com a qual apresenta os seus poemas, compostos essencialmente pela montagem de diferentes *flashes* da vida cotidiana, do mundo político, social e econômico, enfim da história. Em sua Cantiga 2, *La palabra*⁵ o autor define o poema como um espaço no qual a verdade primordial expressa na palavra divina pode ser traduzida e revelada ao se recriar na folha em branco o nascimento e a evolução do universo: “En el principio/ – antes del espacio-tiempo –/ era la Palabra/ Todo lo que es pues es verdad./ Poema./ Las cosas existen en forma de palabra” (Cántico cósmico, p.5-26).

Mais adiante, o poeta nos transmite o valor da tradução no reencontro desta língua original:

... en aquella traducción amarillenta anónima del alemán/ de una parte del gran librón de Pesuss/ que yo encontré en el Museo Etnográfico de/ Bogotá/ traducción al español de Presuss traduciendo del uitoto al/ alemán./ La palabra de sus cantos, que él les dio, dicen ellos,/ es la misma con que hizo la lluvia (CC, p.25).

Ainda de acordo com a teoria de Walter Benjamin, Cardenal também traduz a linguagem muda da natureza e dos objetos à linguagem articulada

do homem⁶, seguro de que todas as coisas cantam, ou seja, de que todo o cosmos é uma grande poesia divina, esperando por ser traduzida:

En el principio era el Canto./ Al cosmos él lo creó cantando./ Y por eso todas las cosas cantan/ (...) La creación es poema/ Poema, que es creación en griego y así llama S. Pablo a la Creación de Dios, POIEMA,/ como um poema de Homero decía el Padre Ángel (CC, p.25-29).

Como vemos, o homem é um ser de linguagem, apesar de esta lhe escapar essencialmente. Se em suas origens ela foi acima de tudo nomeação, hoje a sua função comunicativa é algo inerente a toda a humanidade. Ernesto Cardenal entende-o perfeitamente e encontra nesta necessidade de comunicação o desejo de voltar-se para o outro, o dom humano para o diálogo. Contudo, o verdadeiro poder da palavra, tal qual o verbo criador de Deus, reside na maior de todas as energias, a única capaz de transformá-la em algo concreto: o sentimento de amor. É ele também que move o tradutor em seu anseio por reencontrar-se com a língua original, que por sua vez, é produto deste mesmo sentimento, implícito na criação de todo o universo. Nos versos abaixo, o poeta declara:

Somos palabra/ en un mundo nacido de la palabra/ y que existe sólo como hablado./ (...) las personas son palabras./ Y así uno no es si no es diálogo/ (...) Toda persona es para otra persona (CC, p.31).

A questão da linguagem é pois coerente com o conceito de história, que tanto Benjamin quanto Cardenal possuem. A tradução revela a face verdadeira das línguas ao quebrar a sua aparente unidade, deixando que o fragmento e a multiplicidade emergam. Ao traduzir, o homem evidencia o caráter imperfeito de nossas línguas, submetido pelo poder, que se deseja onipotente, oprimindo a realidade de uma língua superior, esta sim autenticamente plena, da qual todas as outras derivam. Por outro lado, em seu trabalho o tradutor permite que a história irrompa com toda a sua violência, interrompendo a continuidade falsa e hipócrita de um historicismo baseado na marcha contínua do progresso, que, segundo Benjamin, não passa de catástrofe. É deste modo que o momento da tradução se converte no instante messiânico da redenção, ao qual sempre aspiraram a diversidade das línguas incompletas.

Apesar de convicto de que o desenvolvimento científico e tecnológico alcançado pelo homem é parte de sua evolução, ou seja, de que o processo

de modernização é algo irreversível, Cardenal reconhece que para que ele se torne verdadeiramente autêntico é necessário que esteja inserido num contexto de novas relações sociais, no qual a técnica esteja a serviço do bem-estar do homem, que permita a historização de suas potencialidades utópicas, que promova o estabelecimento de uma razão emancipadora. O advento desta nova modernidade pressupõe a vigência de um novo sistema que engendre um outro tempo, diferente do tempo do capitalismo, nas palavras de Benjamin, reino da *eternidade do inferno*⁷; no qual o novo está sempre a serviço do mesmo, um mundo em que tudo se altera e tudo permanece idêntico. Segundo o nosso poeta, este sistema se chama socialismo. Somente ele, por suas características estruturais, constitui-se como o mais fiel às necessidades e desejos humanos, capaz de instituir um tempo verdadeiramente outro, no qual as realizações do presente passem pelo resgate do passado e o antigo e o moderno deixem de ser motivo de catástrofe e passem a conviver em plena harmonia. O estabelecimento deste sistema, por sua vez, implica a introdução de uma nova religião. O capitalismo instituiu uma religião sem dogmas, que consta exclusivamente do culto, isto é, da prática deste mesmo sistema. Constituindo-se ele próprio como um fenômeno essencialmente religioso⁸, a sua máxima divindade é o Deus da culpa, sempre pronto a castigar aqueles que não respeitam as leis de mercado, opostos à competição e à exploração do homem pelo homem em sua ganância de lucro. Como seguidor da Teologia da Libertação, Cardenal acredita que com o socialismo, esta religião desvirtuada e manipuladora seria substituída por uma religião crítica, cujo dogma constaria na liberdade do homem e em sua emancipação. Não mais baseada em relações econômicas, mas em relações de amor e compreensão, a humanidade passaria a adorar um novo Deus: consciente das limitações de sua criação, mas também confiante na infinitude de suas possibilidades, já que criada à sua imagem e semelhança. Assim finaliza o autor uma de suas mais belas Cantigas, a de nº 8:

Condensaciones y visión de San José de Costa Rica: Esa fue mi Visión esa noche en San José de Costa Rica/ la creación entera aun en los anuncios comerciales gemía con dolor/ por la explotación del hombre por el hombre. La creación entera/ pedía, pedía a gritos/ la Revolución (CC, p.86).

Notas

¹ Citado por ROUANET, S.P. (1993) p.78

² ROUANET, S.P. (1989) , p.207-217

³ ELIAS, Eduardo F. & VALDÉS, J.H. (1987) p.49-50

⁴ ROUANET, S.P. (1989) p.207-208

⁵ CARDENAL, E. (1989) p.25-31

⁶ CASULLO, N. (1993) p.27

⁷ Citado por ROUANET, S.P. (1993) p.66

⁸ op. cit., p.71

Bibliografia

CARDENAL, Ernesto. *Cántico cósmico*. Nicarágua: Editorial Nueva Nicaragua, 1989.

CASULLO, Nicolás et alii. *Sobre Walter Benjamin: vanguardias, historia, estética y literatura; una visión latinoamericana*. Argentina: Alianza Editorial/ Goethe-Institut, Buenos Aires, 1993.

ELIAS, Eduardo F. & VALDÉS, Jorge H. "Entrevista a Ernesto Cardenal". In: *Revista Hispamérica*, EUA, (48): 39-50, dez. 1987.

ROUANET, Sergio Paulo. *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

_____. *A razão nômade: Walter Benjamin e outros viajantes*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.